

Recebido em 15/6/2019 e aprovado em 6/11/2019

## COMO O MITO DAS AMAZONAS SE TRANSFORMOU NA ALEGORIA DA AMÉRICA

### HOW THE AMAZON MYTH HAS BEEN TRANSFORMED IN THE ALLEGORY OF AMERICA

Adriano Rodrigues de Oliveira\*

**Resumo:** O mito das amazonas remete ao imaginário da Grécia Antiga, na crença da existência de uma sociedade de mulheres guerreiras que recusavam o domínio dos homens. Em sua transposição ao Novo Mundo, esse tema sofreu diversas transformações, ao ser aludido, recorrentemente, tanto na literatura de viagem quanto na iconografia. Nesses dois tipos de fontes, em suas concordâncias e discrepâncias, as amazonas ressurgem, na América, como verdadeiras devoradoras de homens e exímias arqueiras, que viviam constantemente da guerra contra seus inimigos. Dito isso, partimos da problemática central que essa narrativa, em sua constante metamorfose, veio a transferir elementos e, até mesmo, transformar-se na própria alegoria do continente, quando personificado na figura de uma mulher selvagem, canibal, o corpo nu, portando o arco e a flecha.

**Palavras-chave:** Mito; Amazonas; Iconografia; Alegoria.

**Abstract:** The myth of the Amazons goes back to the imagery of Ancient Greece, in the belief of the existence of a women warrior society who refused to be dominated by men. In its transposition to the New World, this theme underwent several transformations, when recurrently alluded in both travel literature and iconography. In these two types of sources, in their concordances and discrepancies, the Amazons re-emerged in America as true men devourers and exalted archers who lived constantly from the war against their enemies. That said, we start from the central issue that this narrative, in its constant metamorphosis, came to transfer elements and, even, to become the own allegory of the continent, personified in the figure of a naked body cannibal wild woman carrying the bow and arrow.

**Keywords:** Myth; Amazonas; Iconography; Allegory.

---

\* Doutorando em História pela UNESP/Assis, na linha de pesquisa, Política: Ações Representações. O presente artigo originou-se de pesquisas durante o mestrado, que contou com o financiamento da CAPES. E-mail: [adrianorodriguesoliveira@gmail.com](mailto:adrianorodriguesoliveira@gmail.com).

## Introdução

Segundo o entendimento do historiador da arte, Erwin Panofsky (2014), uma alegoria forma-se a partir de uma combinação de imagens que transmitem ideias, não de objetos ou de pessoas concretas e particulares, mas de noções gerais e abstratas: Fé, Sabedoria e Luxúria, entre outros. Essas imagens ou alegorias geralmente se traduzem numa personificação, ou em determinados símbolos, tratando-se, portanto, de uma alusão, conceitualmente vaga e indireta, subentendida por intercessão de uma rede de significações (PANOFSKY, 2014, p. 51).

Foi nesse sentido que nos propusemos a analisar um conjunto de gravuras cuja representação foi bastante comum entre os séculos XVI e XVII e, na qual a Europa, a Ásia, a África e a América – os quatro continentes então conhecidos – são representados com figuras femininas. Nessa personificação alegórica, a Europa está no topo do mundo, adornada e trajada como uma mulher rica, civilizada, que rege todos com o poder imperial da espada e a cruz cristã.

Antagonicamente, a mulher/América, “a mais nova entre suas irmãs”, é representada como selvagem, canibal, totalmente nua, sendo seus instrumentos rudimentares: o arco, a flecha e o tacape. Esse tipo de ilustração não é desprovido de significado, pelo contrário, carrega consigo uma simbologia, que retrata o imaginário europeu, acerca dos povos considerados inferiores.

Serge Gruzinski (2006) observa que, desde a chegada de Cristóvão Colombo ao Novo Mundo, houve uma verdadeira “guerra das imagens”, com implicações sociais e culturais perceptíveis até os dias atuais. Nesse contexto, a difusão da imprensa e a propagação de gravuras, uma das técnicas mais avançadas da cultura europeia renascentista, foram determinantes no processo de conquista e colonização do continente, provocando sua ocidentalização, no que tange à representação imagética (GRUZINSKI, 2006, p. 14-15).

Em que pese não superestimar o papel das imagens oriundas do imaginário europeu na colonização e dominação da América, é inegável que elas estiveram presente, desde que os colonizadores atravessaram o Atlântico, contribuindo para criar uma rede de conceitos distorcidos sobre o Novo Mundo e as sociedades que nele anteriormente habitavam.

Nessas representações, a América é imaginada como terra de selvagens, canibais, bárbaros e, muitas vezes, como aparece ricamente em gravuras e mapas, morada de seres monstruosos ou criaturas fantásticas. A respeito desse tipo de arte, corrente nos séculos XVI e XVII, Laura de Mello e Souza (1996) observa que:

[...] não seguia, naquela época, critérios de representação norteados eminentemente pela observação direta da natureza – malgrado o óbvio peso de um naturalismo na arte renascentista. Não se representava o que se tinha diante dos olhos, mas o que era possível e lícito representar, segundo normas e cânones muito bem fixados (SOUZA, 1996 apud RAMINELLI, 1996, p. 9).

Isso posto, o presente trabalho pretende contribuir para o uso das imagens, enquanto fonte principal da pesquisa histórica, objetos que revelam um imaginário histórico e social, imbuído de significações, no tempo e no espaço. Elas (as imagens) têm, para efeito de análise historiográfica, a mesma importância dos documentos escritos e dos testemunhos orais, pois contêm expressões das relações de poder, que se estabelecem nas esferas da política, da cultura e da religião das mais variadas sociedades (BURKE, 2017, p. 17; ROJAS MIX, 2006, p. 21; SCHMITT, 2007, p. 11).

Explicitado o tema e a importância do uso das fontes imagéticas, convém destacar os dois momentos principais nos quais se divide o presente estudo, a saber, da apresentação dos elementos do mito, e da transformação destes, na imagem da América. Assim, no primeiro tópico, analisaremos como o mito clássico das amazonas ressurgiu no contexto do “descobrimento” do Novo Mundo, sendo noticiado em diversos relatos, narrativas de viagem e crônicas, bem como em diversas gravuras. Nesse sentido, cabe aqui uma

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. Como o mito das amazonas se transformou na alegoria da América. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 24, p. 7-29, jan./jun. 2019.

---

interrogação: como esse tema se deslocou no tempo e no espaço, vindo do imaginário antigo para instalar-se na América?

Sobre essa questão Miguel Roja Mix (1993) observa como toda uma série de mitos, lendas, monstros e seres fantásticos ressurgiram nessas terras americanas, provocando um deslocamento do imaginário antigo/medieval e, até mesmo dando origem a um universo fantástico inédito. O autor expressou-se sobre esse assunto nos seguintes termos:

O descobrimento da América significou um enorme transvasamento do imaginário europeu nas novas terras descobertas. Os mitos, as lendas, o mundo teratológico, as quimeras, tudo adquirirá carta de cidadania na América, e tudo vai ser buscado ali com afincos pelos rastreadores de fortuna e pelos caçadores de sonhos. Dessa forma, se produz um enorme deslocamento geográfico do fantástico medieval, um ressurgimento do fantástico clássico e, inclusive, um fantástico original... (ROJA MIX, 1993, p. 125).

No entanto, acerca do mito das amazonas, o próprio Roja Mix observa a duração, relativamente efêmera, em sua transposição ao Novo Mundo, no que diz respeito à representação pictórica, vindo a transformar-se, posteriormente, na alegoria do continente (ROJA MIX, 1993, p. 137). Essa é a problemática central de nosso estudo, quando as amazonas desaparecem das gravuras e, concomitantemente, a América passou a ser representada como uma mulher nua, selvagem e canibal, ou seja, todos os elementos outrora atribuídos às mulheres guerreiras, como será explicitado ao longo do texto.

Portanto, a segunda parte deste estudo se concentra em explanar acerca das ilustrações alegóricas do continente América, procurando estabelecer uma relação entre os elementos que aparecem nessas ilustrações e os componentes imagéticos e simbólicos do mito das amazonas americanas.

## As mulheres devoradoras de homens

Conforme já destacamos, o mito das amazonas remonta ao imaginário da Grécia Antiga<sup>1</sup>, sendo Heródoto (485 a.C. – 425 a.C.), um dos grandes responsáveis por propagar a existência dessa sociedade de hábeis guerreiras. Em suas *Histórias*, o escritor grego descreveu como seriam essas mulheres: recusavam o matrimônio e o domínio masculino, eram exímias cavaleiras e tinham, como armas de combate, o arco e o dardo. Sobre a etimologia do termo *amazona*, Heródoto fornece a intrigante explicação de que os Citas – um povo que vivia nos limites fronteiraços do mundo helênico – as denominavam de *Aiórpatas*<sup>2</sup>, e os Gregos traduziam o nome para *Andróctones*, ou seja, “que matam homens” (HERÓDOTO, 2006, p. 350-352).

Quase no mesmo período, o médico Hipócrates (460 a. C e 370 a. C) também escreveu sobre essas amazonas em seu tratado *Sobre los Aires, Águas y Lugares*. Segundo ele, essas mulheres não possuíam o seio direito, pois quando ainda meninas, suas mães lhes aplicavam um aparelho de bronze aquecido ao fogo, para que, colocado sobre o seio, o cauterizasse, impedindo seu desenvolvimento. A bizarra explicação era a de que tal prática transferia todo o vigor e a plenitude ao ombro e braço direito, melhorando o desempenho com o arco e a flecha nos constantes combates que elas travavam contra os oponentes gregos (HIPÓCRATES, 1986, p. 75).

No âmbito da sociedade grega antiga, é válido explicitar o mito e seu significado, devendo esse ser ponderado apenas enquanto uma realidade social e histórica. No entendimento de Jean Pierre Vernant (2009, p. 7-8), no que diz respeito aos mitos, não há um corte nítido entre aquilo que podemos denominar de real, ou mesmo de ficcional. No caso dos mitos gregos, esses estão intrinsecamente interligados ao familiar, ao político, ao religioso, ao social e ao cultural como um todo.

---

1 Entende-se aqui como Grécia Antiga, o antigo mundo grego, no período de 1100 a.C. até 146 a.C.

2 Heródoto afirma que essa era uma expressão utilizada pelos citas: *aior* (homem) mais *pata* (matar) = *Aiórpatas*, que os gregos traziam para *Andróctones*, “que matam homens” (HERÓDOTO, 2006, p. 350).

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. Como o mito das amazonas se transformou na alegoria da América. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 24, p. 7-29, jan./jun. 2019.

---

Dessa forma, a narrativa das amazonas explica, em boa medida, como se concebe a sociedade helênica, e se constrói a partir de uma retórica da inversão, uma polarização entre a guerra e o casamento, o mundo dos homens e o mundo das mulheres. Nessa lógica, o combate é um ofício másculo, enquanto o matrimônio está reservado ao gênero feminino. As amazonas representam, com efeito, a antítese da sociedade tida como ideal, pois elas vão à guerra e recusam, por tabela, as atividades nupciais e o domínio masculino (HARTOG, 2004, p. 247).

Esse antagonismo acirrado entre “dois mundos” está presente desde os primeiros momentos da transposição desse tema à América, quando as amazonas convivem em seu mundo particular, ditando e instituindo regras radicalmente opostas às que eram consideradas normais, ou seja, historicamente enraizadas numa visão androcêntrica<sup>3</sup> de sociedade.

O explorador genovês Cristóvão Colombo (1451-1506), em sua Primeira Viagem<sup>4</sup>, foi pioneiro ao descrever a existência dessas amazonas americanas. Segundo o viajante, ocorriam encontros ocasionais entre habitantes de uma tal ilha das mulheres, com outros de uma certa ilha dos homens. Dessas relações fortuitas, somente eram criadas na Ilha Feminina<sup>5</sup> as crianças do referido sexo, enquanto os meninos eram devolvidos para os possíveis pais. Ainda segundo Colombo, todas as populações do Caribe tinham medo dessas mulheres, “[...] que, com inúmeras canoas, percorrem todos estes mares, comendo os homens que conseguem capturar...” (COLOMBO, 2013, p. 96).

Tanto a literatura de viagem, quanto a iconografia europeia dos primeiros séculos reforçam a representação ambígua sobre a América e seus

---

3 O termo androcêntrismo refere-se a visão de mundo que toma as normas masculinas como universal, ignorando as experiências e vivências femininas (DE ANDRADE, 1996, p. 100).

4 Cristóvão Colombo realizou quatro viagens ao Novo Mundo, nos seguintes anos: Primeira Viagem (1492); Segunda Viagem (1493); Terceira Viagem (1498) e Quarta Viagem (1502) (OLIVEIRA, 2016, p. 61).

5 Enrique Gandía (1929), observa que a ideia de uma certa *Isle Femelle* (Ilha Feminina) já constava na cartografia medieval desde o século XIII. Marco Polo situou tal ilha nos mares orientais, onde, em certa época do ano, as mulheres insulares tinham relações com homens que por lá apareciam. Dessas relações ocasionais, só permaneciam na ilha as crianças do sexo feminino, enquanto os meninos eram devolvidos aos pais (HOLANDA, 2010, p. 64).

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. Como o mito das amazonas se transformou na alegoria da América. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 24, p. 7-29, jan./jun. 2019.

---

habitantes, em que beleza, deslumbramento e perigo caminham lado a lado no imaginário dos viajantes. Isso é o que encontramos na *Quatur Americi Vesputt i Naviationes*, epopeia que narra os acontecimentos da Terceira Viagem do explorador florentino Américo Vespúcio (1454-1512) ao Novo Mundo, com um relato acerca de um jovem europeu e o encontro com essas canibais americanas:

[...]. Assim que desembarcou, misturou-se entre elas, que, circundando-o, tocavam-no e apalpavam-no, maravilhadas por ele: eis que do monte vem uma mulher portando uma grande estaca, aproxima-se do jovem e, pelas costas, deu-lhe tamanho golpe com a estaca que, imediatamente, ele caiu morto ao chão. Num instante, outras mulheres o pegaram e pelos pés arrastaram-no ao monte... todos em fuga correram de volta ao monte onde estavam as mulheres a esquartejar o jovem que haviam matado, enquanto nós olhávamos em vão, mas não era em vão que nos mostravam os pedaços que, assando num grande fogo que tinham aceso, depois comiam... (VESPÚCIO, 2003, p. 104).

A emblemática cena aparece ilustrada em duas estampas numa edição alemã da *Lettera* de Vespúcio, datada de 1509 e publicada pelo impressor Joannes Gruninger (1455-1533), na cidade de Estrasburgo. Essa nova publicação apresentava algumas novidades, com a inclusão de novas gravuras e diversas novidades iconográficas, retratando o cotidiano dos índios e a antropofagia (CHICANGANA-BAYONA, 2010, p. 15).

Retomando o assunto das duas ilustrações, essas foram inseridas propositalmente para retratar o fatídico episódio e se apresentam de modo narrativo e complementar. A primeira xilogravura (fig. 1. A), demonstra o momento em que o soldado europeu se afasta dos demais e caminha em direção a um grupo de amazonas. Essas mulheres conversam entre si, próximas a certas habitações de pedras e estão acompanhadas de duas crianças. O europeu traja indumentária típica de um cavaleiro medieval; armadura, espada e elmo; as anfitriãs se apresentam na imagem, totalmente nuas, com seios fartos e longos cabelos encaracolados, que descem até a altura da cintura.

A segunda figura, (fig. 1. B), dá o desfecho visual do relato. O homem conversa e é distraído por três amazonas, enquanto outra se posiciona para

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. Como o mito das amazonas se transformou na alegoria da América. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 24, p. 7-29, jan./jun. 2019.

lhe desferir, violentamente, um golpe com um pedaço de madeira. No segundo plano da ilustração, vemos três mulheres que comemoram, enquanto uma quarta entra na habitação de pedra para preparar o banquete. O conjunto imagético de ambas as estampas é bastante sugestivo, ao demonstrar o que esses europeus podiam encontrar no Novo Mundo: a beleza, a atração entre os sexos e o perigo iminente.

Mulheres sanguinárias e cruéis, essas amazonas descritas por Vespúcio são retratadas em sua selvageria, adjetivos reforçados pela nudez de seus corpos, a simplicidade de suas armas e o canibalismo. Com efeito, o Novo Mundo, com toda a sua fartura e beleza, era um lugar perigoso, que precisava ser conquistado e restaurado. Nessa perspectiva, Klaas Woortmann (2004) entende, que essas amazonas da América:

Eram parte da satanização do Novo Mundo. Quando menos, representavam a desordem, uma desordem que necessitava ser conquistada. Conquistar era uma obra pia; destruir monstros era um ato de purificação, de restauração da ordem, de reunião [...] (WOORTMANN, 2004, p. 91).

**Figura 1 – A amazonas distraem o jovem europeu.** A América com toda a sua beleza e fascínio podia ser um lugar perigoso. Nas estampas anônimas, as amazonas entretêm o jovem europeu, enquanto preparam-se para atacá-lo pelas costas. Edição alemã de J. Gruninger, Estrasburgo, 1509.



A



B

Fonte: Cortesia do estudo de Chicangana-Bayona, Y. A. Visões de terras, canibais e gentios prodigiosos. **Artcultura**, v. 12, n. 21, 2010, p. 15. As imagens estão disponíveis em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/12139>. Acesso em: 10 de junho de 2019.



OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. Como o mito das amazonas se transformou na alegoria da América. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 24, p. 7-29, jan./jun. 2019.

---

Contudo, foi em meados do século XVI que o mito das amazonas americanas teve sua efervescência, desde sua transposição ao Novo Mundo, em boa medida, graças ao famoso relato do frei dominicano Gaspar de Carvajal (1504-1584)<sup>6</sup>, que esteve a serviço do explorador Francisco de Orellana (1511-1546)<sup>7</sup>. Ambos fizeram parte de uma expedição que partiu de Quito no ano de 1541, com alguns soldados em busca do imaginário País da Canela<sup>8</sup>. Carvajal pertencia à Ordem de Santo Domingo de Guzmán, e ficou encarregado, na expedição, dos serviços litúrgicos e por redigir uma relação sobre os acontecimentos do percurso. Foi o suposto encontro com guerreiras da selva que o fez batizar o grande “Rio das Amazonas” (CARVAJAL, 1941, p. 7). Sobre a aparência dessas mulheres Carvajal relatou:

Estas mulheres são muito alvas e altas, com o cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas em pelo, tapadas as suas vergonhas, com os seus arcos e flechas nas mãos, fazendo tanta guerra como dez índios... (CARVAJAL, 1941, p. 60-61).

O relato do Frei dominicano acabou por definir a representação dessas amazonas do Novo Mundo; o corpo robusto, figuras típicas da arte renascentista; os longos cabelos encaracolados; mulheres que exibiam sua nudez enquanto viviam unicamente da guerra contra os homens, que praticavam utilizando seus instrumentos peculiares, o arco e a flecha. Essas belicosas americanas, a exemplo das que descreveram Colombo e Vespúcio, despertam o fascínio e o medo no imaginário dos viajantes, exploradores e

---

<sup>6</sup> O padre dominicano Gaspar de Carvajal nasceu em Trujillo, na Estremadura espanhola, no ano de 1504. No ano 1537, viajou para o Peru junto com dez frades de sua Ordem de Santo Domingo de Guzmán. Foi ele quem fundou em Lima o primeiro convento de sua ordem na América, em 1538. Seguiu a expedição de Orellana e, durante esse percurso, escreveu a relação que mais tarde ajudaria a batizar o nome do grande rio (Rio Amazonas) (OLIVEIRA, 2016, p. 66).

<sup>7</sup> O explorador Francisco de Orellana nasceu na cidade de Trujillo em 1511. Embarcou ainda jovem para a América. Participou da batalha de Salinas contra Diego de Almagro em 1538 e obteve o título de tenente governador da província de Culata, no Equador. A mando de Gonzalo Pizarro partiu em sua missão em busca do Eldorado e do País da Canela, no ano de 1541, levando consigo cerca de 60 soldados e o Frei Gaspar de Carvajal (OLIVEIRA, 2016, p. 65).

<sup>8</sup> Crença presente no imaginário europeu quinhentista sobre um país repleto de canela.

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. Como o mito das amazonas se transformou na alegoria da América. *Domínios da imagem*, v. 13, n. 24, p. 7-29, jan./jun. 2019.

---

caçadores de fortuna e, demonstra que, ao lado de infindáveis riquezas, havia perigos incontáveis.

Em matéria de amazonas, o cosmógrafo e Frei francês André Thévet (1502-1590)<sup>9</sup> não poupa adjetivos para demonstrar a crueldade dessas belicosas americanas. Em suas *Singularidades da França Antártica* (1557)<sup>10</sup> defende que são quatro as espécies encontradas no orbe terrestre; as da Ásia, as da Europa, as da África e, por último, as recém-descobertas da América, em muito semelhantes às suas predecessoras. Verdadeiras infanticidas, pois matavam toda a prole masculina, tão logo davam à luz (THÉVET, 1978, p. 208).

Segundo Thévet, essas amazonas viviam isoladas do “mundo dos homens”, em pequenas ilhas<sup>11</sup> que lhes serviam de fortalezas, e sua principal atividade era a interminável guerra empreendida contra os povos vizinhos. Atacavam seus inimigos sempre com flechadas e utilizavam como proteção escudos feitos de casco de tartaruga. Incapazes de se comunicarem com a fala, essas medonhas criaturas apenas ululavam e vociferavam, buscando com isso espantar seus oponentes. Quando tomavam alguém como prisioneiro, tratavam-no do modo mais desumano possível, pois o prendiam no alto do galho de uma árvore e, ao retornarem, caso ele ainda não tivesse morrido, atiravam-lhe milhares de flechas até matá-lo. Como se não bastasse tamanha crueldade, acendiam uma fogueira e reduziam o pobre coitado a cinzas (THÉVET, 1978, p. 206 – 208).

Duas estampas inseridas em *Singularidades* reforçam a brutalidade dessas “matadoras de homens”. Na primeira (fig. 2 A), os combatentes se

---

9 André Thévet nasceu em Angoulême, em 1502, e morreu em Paris no ano de 1590. Foi um frade franciscano, explorador, escritor e cosmógrafo. Como estudioso da Cosmografia e da Cartografia, foi enviado pelo rei da França, Henrique II, para o Rio de Janeiro (França Antártica), onde permaneceu de novembro de 1555 a janeiro de 1556 (OLIVEIRA, 2016, p. 63).

10 “*Les singularitez de la France Antarctique*”, foi publicada em Paris, em 1557 e continha as impressões de André Thévet durante sua breve estadia na França Antártica (OLIVEIRA, 2016, p. 63). A obra contém 41 xilogravuras, que ilustram a fauna, a flora, o cotidiano dos índios americanos, além de seres ou criaturas fantásticas. O texto e as gravuras, de uma edição datada de 1558, estão disponíveis para consulta e download no acervo online da *Bibliothèque Nationale de France*, quem pode ser acessado no seguinte link: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b2000036g?rk=21459;2>.

11 O contexto medieval/renascentista é realmente fértil na propagação dessas ilhas míticas ou fictícias. Ilha de Ferro, Ilhas Afortunadas, Ilha Brasil e Ilha Fêmea são algumas das que povoaram a imaginação dos viajantes (DREYER-EIMBOCKE, 1992, p. 59).

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. Como o mito das amazonas se transformou na alegoria da América. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 24, p. 7-29, jan./jun. 2019.

alinham em dois lados bem distintos; as amazonas lutam totalmente nuas, carregando como armas de combate, o arco e a flecha, enquanto se defendem com escudos feitos do casco de tartaruga. Os homens da gravura chegam com suas pequenas embarcações à ilha das amazonas, também nus e portando armas igualmente rudimentares. A gravura reforça o caráter belicoso dessas guerreiras americanas, que repelem impetuosamente quem ousa invadir seus domínios.

Numa segunda xilogravura, que complementa a primeira, vemos o desfecho do episódio e o modo como as amazonas da América tratavam seus prisioneiros de guerra (fig. 2 B). Na imagem, elas atiram várias flechas sobre dois indivíduos nus, que estão pendurados no alto de uma árvore; abaixo dos prisioneiros, outra amazona prepara a fogueira, para reduzir, como diz o texto, o indivíduo a cinzas. Contrariando o relato de outros cronistas, Thévet faz questão de reforçar que essas cruéis guerreiras insulares não devoravam seus oponentes.

**Figura 2 – As amazonas da América.** A forma de combate e a crueldade dessas amazonas. Na primeira imagem (A) repelem os invasores e, na segunda (B), torturam o prisioneiro. *Les Singularitez*. Gravuras de Jean Cousin e texto de André Thévet. Paris (França), 1558.



Fonte: Cortesia do catálogo online da Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b2000036g?rk=21459;2>. Acesso em: 06 de junho de 2019.

No final do século XVI, o mito vai claramente diminuindo sua frequência no que diz respeito aos relatos escritos e, principalmente, na iconografia. Todavia, iremos vê-lo ressurgir com efeito na obra do poeta,

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. Como o mito das amazonas se transformou na alegoria da América. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 24, p. 7-29, jan./jun. 2019.

---

soldado, político, corsário e cortesão inglês Sir Walter Raleigh (1552-1618). Raleigh era um antigo protegido da Rainha Elizabeth I (1558-1603), que o havia afastado de suas funções palacianas, após se casar com sua dama de companhia sem a sua autorização. Numa de suas muitas viagens ao Novo Mundo ele embarcou para a Guiana, convencido de que iria encontrar o Eldorado e recuperar as graças de sua Majestade (MARTIN, 1996 apud RALEIGH, 2002, p. 16).

Em “A Descoberta do Grande, Belo e Rico Império da Guiana”, epopeia publicada em Londres no ano de 1595, vemos Raleigh aludir ao Eldorado, lugar onde havia um príncipe sentado sobre quantidades incalculáveis de ouro e cercado por um país mais belo do que as terras da Espanha ou da Turquia. Um genuíno império, com suas cidades adornadas que guardavam templos monumentais e tesouros inimagináveis; em pleno coração da Guiana, uma beleza mais grandiosa e uma fartura maior do que a de qualquer outro território do Novo Mundo (RALEIGH, 2002, p. 42).

A América guardava esses tesouros, que coabitavam com perigos incontáveis. Para chegar a Eldorado, os caçadores de sonhos e fortuna deveriam atravessar a terra das amazonas; mulheres de garra e cruzeza na guerra. Essas guerreiras da Guiana só conviviam com homens uma vez por ano, período em que bebiam, fumavam, dançavam e fornicavam sem parar. Durante um mês inteiro, escolhiam os machos preferidos, ficando juntos até surgir a lua nova, quando, então, desapareciam com suas armas, misteriosamente, no meio da mata (RALEIGH, 2002, p. 61- 63).

Sobre a hostilidade dessas belicosas americanas para com os homens, Raleigh reforça:

Na guerra, as amazonas recolhiam os prisioneiros, levando-os de volta para casa. Os homens eram torturados e abusados até a morte... Destemidas, cruéis e sanguinárias, essas guerreiras tinham fama de aplicar sofrimentos implacáveis contra todo e qualquer homem que tentasse invadir seu território (RALEIGH, 2002, p. 65).

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. Como o mito das amazonas se transformou na alegoria da América. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 24, p. 7-29, jan./jun. 2019.

Essas sanguinárias guerreiras da Guiana aparecem ilustradas numa reedição da obra de Raleigh, impressa na passagem do século XVI para o XVII, por Levinus Hulsius (1546-1606), um impressor e lexicógrafo belga.

Duas gravuras se destacam: na primeira (fig. 3 A), vemos o famoso ritual erótico: as amazonas se reúnem com diversos homens, banqueteam, dançam e copulam. Ambos os sexos estão completamente nus, expondo suas genitálias, um genuíno ato de voluptuosidade. A imagem divide-se em três planos complementares: no primeiro encontram-se duas amazonas vigiando o local com suas armas tradicionais, o arco e uma aljava repleta de flechas; no nível intermediário, podemos observar o banquete, no qual os indivíduos se alimentam e fazem sexo; por fim, no último plano, vemos outros sujeitos próximos da mata e de certas habitações simples.

**Figura 3 – As amazonas da Guiana.** A ilustração realça a nudez e a sensualidade. Gravuras para a obra de Sir Walter Raleigh. Série compilada por Levinus Hulsius, 1612.



Fonte: Cortesia do Catálogo digital da University of Virginia Library. Disponível em: <https://search.lib.virginia.edu/catalog/uvalib:2524820#?c=0&m=0&s=0&cv=11&xywh=-324%2C-275%2C4428%2C5468>. Acesso em: 06 de junho de 2019.

Uma segunda xilogravura elucida o perfil dessas amazonas guianenses (fig. 3 B): a pose sensual, um grande arco na mão esquerda e uma seta na direita; longos cabelos encaracolados que descem até a altura da cintura; o corpo nu expõe, sem pudor, as genitálias e os seios.

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. Como o mito das amazonas se transformou na alegoria da América. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 24, p. 7-29, jan./jun. 2019.

---

Simbolicamente, essas amazonas dos relatos e das gravuras representam a própria América, com toda sua beleza, riqueza e perigos. Na iconografia, as imagens dessas guerreiras do Novo Mundo confundem-se com a figura das índias americanas, nuas, cheias de libido e que se ofereciam ao conquistador. Evidentemente, essa era uma construção proposital que propagava a efetivação da conquista europeia por meio da espada imperial e da cruz cristã (GAMBINI, 2000, p. 142-143; WOORTMANN, 2004, p. 91).

Frank Lestringant (2009) observa que:

Tal é o *Topos* do mundo invertido, tão frequentemente ilustrado no século XVI, e cujo 'complexo' das amazonas seria uma das variantes particulares, ele estigmatiza a desordem presente pela imagem de uma viravolta hiperbólica e pede – por esse recurso à figura escandalosa da inversão – o retorno à ordem tradicional das coisas. Desse ponto de vista, o mito das amazonas não escapa à regra: a conquista das Américas terá por consequência fazê-lo desaparecer como uma monstruosa e fantástica anomalia (LESTRINGANT, 2009, p. 144).

Contudo, esse “desaparecimento” ocorre apenas parcialmente, mais no âmbito iconográfico que no semântico. Se por um lado, o mito vai desaparecendo pouco a pouco da literatura e, ao cabo do século XVI, esvanece-se da iconografia, seus significados serão incorporados na representação da América, que se estende até o século XVIII.

Nessas imagens, a América é uma mulher “[...] o ventre opulento, o longo cabelo amarrado com conchas e plumas, as pernas musculosas, nus os seios...” (DEL PRIORE, 1992, p. 149). Conforme destaca Mary Del Priore, esse tipo de representação implicava uma narrativa ideológica que tentava impor a concepção europeia de mundo; “a América, como uma bela e perigosa mulher, tinha que ser vencida e domesticada para ser melhor explorada” (DEL PRIORE, 1992, p. 149).

## **A mulher/América é uma amazona**

As gravuras femininas representativas dos continentes não eram exatamente uma novidade no contexto quinhentista europeu. Entretanto, a tradicional forma de representação, na qual apareciam Europa, Ásia e África, incorporaria a partir da segunda metade do século XVI, a “recém-descoberta” América, a *Quarta Parte*. A denominada alegoria dos continentes, ilustrada por quatro mulheres emblemáticas, aparece pela primeira vez no frontispício do *Theatrum Orbis Terrarum* (Teatro do Mundo)<sup>12</sup>, no Atlas do cartógrafo e geógrafo flamengo, Abraham Ortelius (1527-1598), publicado em Antuérpia, no ano de 1570 (OLIVEIRA, 2014, p. 29).

No alto do retábulo da referida alegoria (fig. 4), vemos que a mulher/Europa governa as demais com o poder imperial da espada e a cruz cristã. Ela está sentada sobre um trono e carrega na sua cabeça uma brilhante coroa de ouro. A personificação feminina da Europa retrata uma mulher bem vestida, adornada com suas riquezas e o corpo totalmente coberto. Na sua mão esquerda, a cruz católica está cravada sobre o globo terrestre e, na mão direita, encontra-se o cetro do poder. Atrás dela, vemos uma parreira com cachos de uvas, que podemos deduzir, simbolizam a fartura do continente.

A Ásia, representada à esquerda da estrutura, está com a cabeça reclinada, e tem o corpo totalmente coberto. Na sua cabeça traz uma tiara e na mão esquerda um recipiente contendo incenso, esse último simbolizando as especiarias do oriente. Do lado oposto, encontra-se a mulher/África que, diferente das anteriores, tem o corpo parcamente recoberto. Na sua mão

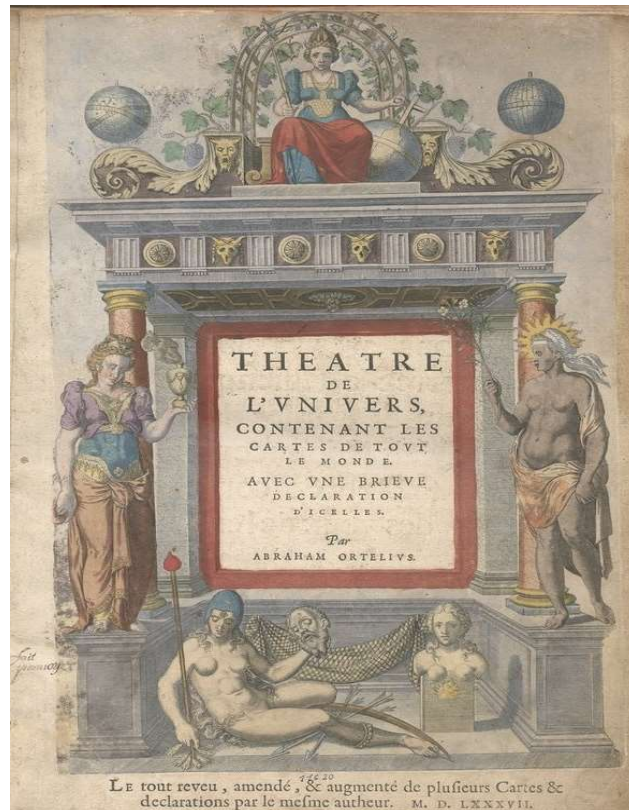
---

12 O *Theatrum Orbis Terrarum* é um dos primeiros atlas modernos e contém um total de 53 mapas detalhados. A edição de 1570 foi seguida por edições em latim, holandês, francês, alemão e espanhol, à medida que se acrescentavam novos mapas. Não se sabe ao certo quem gravou e imprimiu os mapas. Já no tocante às partes tipográficas do atlas, Ortelius contratou impressores da Antuérpia: Aegidius Coppens van Diest, seguido por Aegidius Radeus, em 1575 e, em 1579-1589, Christopher Plantin (1520-1589). A referida edição é francesa data de 1587, podendo ser acessada no acervo online na Biblioteca Digital Mundial. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/8978/>. Acesso em: 05 de junho de 2019.

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. Como o mito das amazonas se transformou na alegoria da América. *Domínios da imagem*, v. 13, n. 24, p. 7-29, jan./jun. 2019.

direita, carrega o ramo de uma planta e sobre sua cabeça refletem raios solares, indicando a cor dos habitantes desse continente.

**Figura 4 – A alegoria dos quatro continentes.** A mulher/América segura a cabeça decepada de um homem na representação alegórica dos quatro continentes. Frontispício do atlas moderno de Abraham Ortelius, *Theatrum Orbis Terrarum*. Edição francesa de 1587.



Fonte: Cortesia do acervo online da Biblioteca Digital Mundial: A imagem está disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/8978/view/1/1/>. Acesso em: 05 de junho de 2019.

Sem dúvida, a que chama mais atenção é a mulher/América, que está ao lado de uma rede e desperta de um profundo sono. Ela é uma típica amazona: seu corpo está totalmente nu e seus cabelos encaracolados descem até a altura da cintura. Na sua mão direita, carrega um tacape e, na mão esquerda, a cabeça decepada de um homem europeu. Aos pés da mulher, encontram-se um arco e um punhado de flechas. Essa ilustração da América é emblemática, ao apresentá-la em sua nudez, canibalismo, violência, erotismo e selvageria, uma verdadeira devoradora de homens.

Terra de nudez, canibalismo e selvageria, esses são os elementos representados na imagem da América dos séculos XVI e XVII. Na série alegórica dos quatro continentes, publicada por volta de 1630, em Londres,



OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. Como o mito das amazonas se transformou na alegoria da América. *Domínios da imagem*, v. 13, n. 24, p. 7-29, jan./jun. 2019.

---

pelo gravurista britânico John Stafford<sup>13</sup>, vemos novamente como esses rudimentos foram fartamente representados nas imagens (fig. 5). Na ilustração, a mulher/América é retratada como uma imponente guerreira, com corpo bastante robusto, totalmente nua, sentada sobre uma pedra; ela segura com a mão direita um grande arco e, com a esquerda, um membro humano decepado; às costas, carrega uma aljava repleta de flechas. O artista teve o cuidado de ilustrar os traços do corpo da mulher, seus seios fartos, membros musculosos e a aparência grandiosa, uma típica guerreira grega.

O entorno da gravura não deixa dúvida de que se trata, realmente, da América; atrás do braço da mulher encontra-se um papagaio, um dos símbolos do Novo Mundo e, acima da ave, uma inscrição em latim que afirma: "*Pavir qui genuit*", "Que haviam se alimentado". O horror da ilustração é intenso e, como se não bastasse, vemos no plano secundário do desenho uma cena de canibalismo, onde alguns sujeitos assam vários membros humanos decepados; um tatu e um veado dão um tom mais ameno à paisagem sombria, propositalmente gravada para avisar o espectador: essa é a América, tal qual uma belicosa amazona, com seus encantos e perigos. Os versos abaixo da gravura, escritos pelo poeta satírico inglês George Wither (1588-1667), reforçam:

Embora para minhas irmãs por tanto tempo desconhecida  
 Eu tenha repousado,  
 Sou tão rica e mais vasta do que elas,  
 Minha rudeza bárbara expressa plenamente  
 O que a Natureza é, até termos trajado Virtudes  
 Mas onde a assustadora Escuridão da Morte ainda está  
 O resplendor do amor dos Deuses eu espero encontrar<sup>14</sup>.

---

13 Não encontramos maiores informações sobre gravurista britânico John Stafford. Sabemos que criou uma série de impressões e desenhos representando os quatro continentes e os publicou na cidade de Londres entre os anos de 1625 e 1635. As gravuras podem ser acessadas no catálogo online do The British Museum. Disponível em:

[https://www.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=1526564&partId=1&people=139574&peoA=139574-2-70&page=1](https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1526564&partId=1&people=139574&peoA=139574-2-70&page=1).

14 Utilizamos aqui a tradução de Carla Oliveira (2014, p. 44-45), em *América Alegorizada*. No texto original, redigido em inglês, encontra-se: "*Though to my Sisters long unknowne I lay, / I am as rich, and greater farr then they, / My barbarous rudenes doth at full exprese / What Nature is, till wee have Graces dresse, / But where the loomy Shades of Death yet bee / The Sunnshine of Godds love I hope to see*".

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. Como o mito das amazonas se transformou na alegoria da América. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 24, p. 7-29, jan./jun. 2019.

Os versos de George Wither robustecem a narrativa imagética e aludem à esperança de civilização do Novo Mundo: A América era o continente desconhecido, adormecido, somente despertado pelo olhar do colonizador. Sua riqueza e vastidão contracenam com sua natureza bárbara, selvagem, rude, despossuída de maiores virtudes; terra onde ainda reinava uma longa e apavorante escuridão, somente erradicada pela luz da espada e a cruz cristã.

**Figura 5 – América.** Essa mulher nua é a América; uma típica guerreira amazona, que sentada, segura um membro humano decepado. Gravura em cobre de John Stafford, 1630.



Fonte: Cortesia da Coleção online do The British Museum. Esta imagem está disponível em: [https://www.britishmuseum.org/collectionimages/AN00206/AN00206110\\_001\\_1.jpg](https://www.britishmuseum.org/collectionimages/AN00206/AN00206110_001_1.jpg). Acesso em: 06 de junho de 2019.

No frontispício alegórico do Volume 11 do Atlas Maior<sup>15</sup>, confeccionado, em 1662, pelo cartógrafo neerlandês Joan Blaeu (1596-1673), a América é representada com todos os atributos das amazonas do Novo Mundo: sua nudez, sensualidade e opulência, contracenam com o perigo

15 O Atlas Maior de Joan Blaeu foi publicado entre 1662 e 1665, reunindo vários volumes, publicados, posteriormente, em holandês, espanhol, alemão e francês. Comportava 594 mapas e 3.368 páginas de textos. Ver em: National Library of Scotland. Disponível em: <https://maps.nls.uk/atlas/blaeu-maior/info.html>. Acesso em: 06 de junho de 2019.

iminente (fig. 6). A mulher/América carrega em sua mão direita uma seta, enquanto a outra segura o arco; às suas costas porta uma aljava apinhada de setas. A mulher ostenta uma pose imponente e pisa sobre a cabeça decepada de um homem europeu, transpassada por uma de suas flechas. No entorno da personificação feminina do continente vemos todas as suas riquezas, homens que trabalham extraíndo os minerais da terra.

Vemos ainda que reluzentes raios de sol, iluminam nuvens negras sobre a terra, enquanto dois anjos carregam uma bandeira com o nome do continente. Do lado oposto, outro ser de aparência angelical carrega uma cruz cristã e luta contra os antigos deuses e monstros do imaginário pagão.

A peleja é intensa e a guerra das imagens vai imprimindo seus gestos, elementos, cores e significados. É a batalha da civilização europeia contra a barbárie americana dos primeiros séculos dos descobrimentos; da luz cristã, contra as trevas que pairavam sobre o continente e seus habitantes. Noutros termos, é a América sendo conquistada, por meio da cruz, da espada e dos símbolos.

O mito das amazonas, que esteve presente no imaginário dos viajantes, desde a chegada de Colombo, transfere elementos e se transforma na própria alegoria da América, a ponto de a figura da guerreira grega apresentar-se como uma belicosa mulher indígena; com o corpo nu, o arco, a flecha e o tacape. Consequentemente, torna-se impossível dissociar a representação da amazona americana do imaginário europeu acerca do Novo Mundo.

Nesse sentido, vale ampararmo-nos nas considerações de Mikhail Bakhtin (1987, p. 287), ao ressaltar que, na grande maioria das lendas locais, há sempre uma analogia com os elementos naturais que as cercam; os relevos as montanhas, as florestas, os rios, as ilhas, entre outros, de modo que, “[...] esse corpo não está, em absoluto, isolado do mundo, dos fenômenos naturais, do relevo geográfico” (BAKHTIN, 1987, p. 287).

O mesmo observamos na análise das guerreiras da América, nas quais tanto em sua representação mitológica quanto na alegórica, o corpo feminino se confunde com o próprio meio físico do continente. A América não

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. Como o mito das amazonas se transformou na alegoria da América. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 24, p. 7-29, jan./jun. 2019.

é só uma mulher, mas uma verdadeira amazona, com sua nudez, beleza, pecado e perigo.

**Fig. 6 – A mulher América.** A América é uma amazona que pisoteia a cabeça de um homem europeu. Frontispício do Atlas Maior de Joan Blaeu. Amsterdã, 1662.



Fonte: Cortesia das Coleções Especiais da Universidade da Virgínia. Esta imagem está disponível em: <http://cowley.lib.virginia.edu/newest/america.jpg>. 06 de junho de 2019.

## Considerações finais

O propósito do presente estudo, de demonstrar a transformação do mito das amazonas em alegoria da América, foi alcançado. A análise iconográfica demonstrou, na prática, que as imagens são fontes de pesquisas, riquíssimas, ao revelar o imaginário de uma determinada sociedade no tempo e no espaço.

Dividimos aqui essas gravuras em dois conjuntos distintos que se complementam: o primeiro diz respeito às ilustrações que fazem referência direta ao mito das mulheres amazonas, seja por intermédio de elementos pictóricos ou mesmo a partir da confrontação com os textos: relatos de

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. Como o mito das amazonas se transformou na alegoria da América. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 24, p. 7-29, jan./jun. 2019.

---

viagem, crônicas e diários, entre outros. Nesse material imagético, o mito clássico, que remonta ao imaginário antigo, sofreu suas primeiras mutações, e as amazonas ressurgem no Novo Mundo incorporando elementos temporais e locais: a nudez do corpo, as armas indígenas e o canibalismo.

Um segundo grupo de gravuras, que denominamos de alegorias, não alude diretamente ao termo amazona. Entretanto, como ficou demonstrado, essa é uma característica desse tipo iconográfico, pois não transmite um significado concreto, mas abstrato, somente compreensível por meio da alusão. Nessas comparações, os principais elementos do mito ressurgem com força, e a América é representada, com frequência, como uma mulher guerreira exibindo sua nudez, a crueldade com os homens e a opulência.

Dessa forma, no corpo alegórico da América, há uma junção de diversos componentes imagéticos e, conseqüentemente, simbólicos: a mulher amazona é a América; ela exhibe o aspecto grotesco do corpo, uma beleza rude e selvagem e seu canibalismo é a pedra-de-toque. Na iconográfica do final do século XVI em diante, a figura da guerreira amazona se funde e se confunde com a própria América.

### Fontes primárias

CARVAJAL, Gaspar de. **Descobrimento do rio das Amazonas**. Trad. C. de Mello Leitão. 5ª Ed. – São Paulo: Ed. Brasiliense, 1941. Disponível em: <http://www.brasiliense.com.br/obras/descobrimientos-do-rio-das-amazonas>. Acesso em: 20 de abril de 2019.

COLOMBO, Cristóvão, 1450-1506. **Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento**/Cristóvão Colombo. Trad. de Milton Persson. Porto Alegre: L&PM, 2013.

HERÓDOTO. **História**. Trad. De J. Brito Broca. EBooksBrasil, 2006. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/historiaherodoto.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2019.

HIPÓCRATES. **Tratados Hipocráticos**: Livro II. Sobre Los Aires, Aguas y Lugares. Madrid: Ed. Gredos, 1986.

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. Como o mito das amazonas se transformou na alegoria da América. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 24, p. 7-29, jan./jun. 2019.

---

RALEIGH, Walter. **O caminho do Eldorado**: a descoberta da Guiana por Walter Raleigh em 1595. Adaptação e notas de E. San Martin. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002.

THEVET, André. **As Singularidades da França Antártica**. Trad. de Eugênio Amado. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Tradução de Yara Frateschi Vieira. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

DE ANDRADE, Vera Regina Pereira. Violência sexual e sistema penal: proteção ou duplicação da vitimação feminina? **Sequência: Estudos Jurídicos e Políticos**, v. 17, n. 33, p. 87-114, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/15741/14254>. Acesso em: 13 de dezembro de 2019.

CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. Visões de terras, canibais e gentios prodigiosos. **Artcultura**, v. 12, n. 21, 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/12139>. Acesso em: 10 de junho de 2019.

DEL PRIORE, Mary. Imagens da Terra Fêmea: a América e suas mulheres. In: Vainfas, Ronaldo (org.). **América em tempos de conquista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

DREYER-EIMBOCKE, Oswald. **O descobrimento da terra**. Tradução de Alfred Josef Keller. São Paulo: Melhoramentos/Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

GAMBINI, Roberto. **Espelho índio**: a formação da alma brasileira. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2000.

GANDIA, Enrique. **História crítica de los mitos de la conquista americana**. Buenos Aires: Juan Roldan, 1929.

GRUZINSKI, Serge. **A guerra das imagens**: De Cristóvão Colombo a *Blade Runner* (1492-2019). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto**: Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. Como o mito das amazonas se transformou na alegoria da América. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 24, p. 7-29, jan./jun. 2019.

---

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LESTRINGANT, Frank. **A oficina do cosmógrafo ou a imagem do mundo no Renascimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MARTIN, E. San. Prefácio. In: RALEIGH, Walter. **O caminho do Eldorado: a descoberta da Guiana por Walter Raleigh em 1595**. Adaptação e notas de E. San Martin. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002.

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. **As amazonas no imaginário literário/iconográfico da Ibero-América no século XVI**. 130 f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados. 2016.

OLIVEIRA, Carla Mary S. A **América alegorizada: imagens e visões do Novo Mundo na iconografia europeia dos séculos XVI a XVIII**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ROJAS MIX, Miguel. **El Imaginario: Civilización y cultura del siglo XXI**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

ROJAS MIX, Miguel. Los monstruos: ¿mitos de legitimación de la conquista? América Latina: **palavra, literatura e cultura**, v. 1, p. 123-150, 1993.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens: ensaio sobre a cultura visual na Idade Média**. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

SOUZA, Laura de Mello. Prefácio. In: RAMINELLI, Ronald. **Imagens da colonização: a representação do Índio de Caminha a Vieira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

VERNANT, Pierre Jean. **Mito e religião na Grécia Antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

WOORTMANN, Klaas. **O selvagem e o novo mundo: ameríndios, humanismo e escatologia**. Brasília: Editora UnB, 2004.